

## ESCOLA E FAMÍLIA: PILARES ESSENCIAIS NA FORMAÇÃO HUMANA<sup>1</sup>

Maristela Cristiane Heck<sup>2</sup>, José Pedro Boufleuer<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

<sup>2</sup> Professora na Educação Básica em Ijuí e Mestra em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

<sup>3</sup> Professor doutor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Atua nos cursos de licenciatura e no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências.

### RESUMO

Este estudo introduz a complexidade e a responsabilidade envolvidas no processo educacional das novas gerações. Destaca que educar vai além de um simples ato, sendo um processo contínuo e desafiador. Enfrenta-se a importante decisão entre satisfazer desejos imediatos ou formar indivíduos íntegros e éticos, especialmente em uma era dominada por valores materialistas e pela busca por gratificações rápidas. Argumenta-se que a família e a escola desempenham papéis essenciais, distintos e complementares na formação de crianças e jovens, sendo a família fundamental na formação inicial de valores e na socialização primária das crianças, enquanto a escola oferece educação formal e promove o desenvolvimento intelectual e ético, trabalha com o conhecimento especializado, reafirma e potencializa os valores morais e éticos.

**Palavras-chave:** Educação. Responsabilidade. Escola. Família.

### ABSTRACT

This study introduces the complexity and responsibility involved in the educational process of new generations. It emphasizes that educating goes beyond a simple act, being a continuous and challenging process. The important decision between satisfying immediate desires or forming integral and ethical individuals is confronted, especially in an era dominated by materialistic values and the pursuit of quick gratifications. It is argued that the family and school play essential, distinct, and complementary roles in the formation of children and youth. The family is fundamental in the initial formation of values and primary socialization of children, while the school offers formal education, promotes intellectual and ethical development, works with specialized knowledge, and reaffirms and enhances moral and ethical values.

**Keywords:** Education. Responsibility. School. Family.

### INTRODUÇÃO

Educar não é uma ação simples, leve e tranquila. Pelo contrário, é um processo complexo e contínuo. É uma tarefa árdua que exige responsabilidade, enfrentamentos dos adultos para com as crianças e jovens, isto porque, inúmeras vezes, educar anda na



contramão do prazer imediato, da ludicidade e do fazer o que a criança quer na hora que bem desejar, características estas latentes e que permeiam a vida na contemporaneidade. É desafiador contribuir na formação de indivíduos quando o que se deseja é formar sujeitos íntegros, éticos e preparados para os desafios da vida moderna, especialmente porque se aprende em diferentes espaços, incluindo as redes sociais.

Percebem-se fragilidades educacionais advindas de uma sociedade que valoriza o ter em detrimento do ser. Já a falta de vivências da ética e da moral refletem uma geração egocêntrica, com dificuldades de relacionar-se de forma solidária e harmoniosa na sociedade. Crianças e jovens não conseguem trabalhar com a frustração e, mais que isso, crescem almejando uma *vibe* do contentamento acelerado. Enfatizamos que o sujeito aprende em diferentes esferas sociais, porém, neste estudo trataremos a contribuição indispensável da família e da escola na educação das novas gerações. A primeira, com certeza, influenciará na segunda, sendo que ambas apresentam características educativas distintas e complementares que descreveremos a seguir. Salientamos ainda que este estudo se relaciona com a ODS 4, que aborda a educação de qualidade e destina-se a promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos os sujeitos.

## **METODOLOGIA**

Este estudo pauta-se em um viés qualitativo e a metodologia utilizada é a revisão bibliográfica narrativa, referente à temática: Escola e família: pilares essenciais na formação humana. A opção por esta abordagem se deu porque a pesquisa bibliográfica não se esgota na teoria. E ela é um diálogo com as partes, pois podemos encontrar boas razões práticas, o que sugere futuras intervenções de caráter metodológico diferente, em que a pesquisa teórica realizada aqui será essencial, pois vai nos capacitar para novas intervenções com competência (Demo, 1997). Para a consecução do percurso investigativo e com vistas aos objetivos estabelecidos optou-se pelo posicionamento de diferentes estudiosos, todos de reconhecimento nacional e internacional.

## **RESPONSABILIDADES DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES**



Sabemos que se ensina e se aprende em diferentes espaços e ambientes, sejam eles virtuais ou presenciais, e por isso mesmo o desafio de educar as novas gerações torna-se cada vez mais complexo, exigindo que a família e a escola tenham clareza de suas funções na educação das novas gerações se o objetivo for contribuir com a formação de sujeitos éticos, íntegros e proativos na sociedade contemporânea. É claro que a primeira jamais poderá ser considerada, sequer compreendida como a extensão da segunda, e, nesse caso, somos enfáticos ao afirmar que há uma grande diferença, ou pelo menos deveria ter, entre o que se ensina no âmbito familiar e o escolar.

Partindo desse pressuposto, Savater (2000) esclarece que as crianças antes de chegarem na escola já experimentaram a educação na família e em seu entorno social, o que poderá ser determinante e até decisivo no decorrer de boa parte do ensino escolar. Com isso, não estamos afirmando que a escola deve ensinar a família quanto ao seu dever, do mesmo modo não entendemos que os pais apontem o que deve ser trabalhado na escola. Também não estamos afirmando que se a família não fizer a sua parte a escola pouco poderá fazer pelas crianças. Nas palavras de Fensterseifer (2020), “pior que a família não fazer a sua parte, é a escola também não fazer a sua. Aí a desgraça se completa e só a barbárie podemos vislumbrar” (p. 91).

Partimos do posicionamento de que não podemos ficar num jogo em que a família responsabiliza a escola e vice-versa pelo infortúnio da educação, mas é imprescindível que cada uma faça sua parte, tendo a noção de que é a família o primeiro contato da criança com o mundo, mais que isso, o lugar onde precisa aprender certos valores indispensáveis à convivência com o outro. Magro e Trevisol (2014) argumentam que é na família, primeiro grupo social da criança, que se inicia o processo de assimilação de crenças, da linguagem, dos deveres e direitos, das regras sociais, características importantes para a vida em sociedade.

Na esteira dessa discussão, Savater (2000) argumenta que na família a criança precisa aprender atitudes básicas, também chamada de a educação primária, relacionada, entre outros aspectos, ao cumprimento de regras, ao respeito ao outro e aos mais velhos, à diferenciação do que é bom do e do que é mau, segundo convenções da comunidade a que pertence, a fim de que se torne um sujeito “mais ou menos padrão da sociedade”. Para este autor, o espaço familiar é marcado pela afetividade, a qual se torna um instrumento de





coação pela ameaça de constantemente perder o carinho. Nas suas palavras,

A educação familiar funciona pela via do *exemplo*, não por sessões discursivas de trabalho e se apóia em gestos compartilhados, hábitos do coração, chantagens afetivas do lado da recompensa de carícias e castigos diferentes para cada um, talhados sob nossa medida (ou que configuram a medida que nos será sempre apropriada). [...] o que se aprende na família tem uma força persuasiva, que nos casos favoráveis, serve para o apuramento de *princípios* moralmente estimáveis que depois resistirão às tempestades da vida, mas, nos desfavoráveis, faz arraigar *preconceitos* que mais tarde serão quase impossíveis de extirpar. E, é claro, a maior parte das vezes princípios e preconceitos estão de tal modo mesclados que nem sequer para o interessado, muitos anos mais tarde, é fácil discernir uns dos outros... (Savater, 2000, p. 72-73).

Concordamos com Savater que se a família desempenhar seu papel na educação primária, na socialização das crianças, posteriormente a escola terá mais tranquilidade para realizar a educação secundária, ou seja, o ensino voltado para o conhecimento e competências mais especializadas, e serão maiores as possibilidades de sucesso. Se a família, no entanto, não fizer a sua parte, os professores “deverão perder muito tempo polindo e civilizando (ou seja, tornando apto para a vida civil) que deveriam estar prontos para aprendizados menos elementares” (2000, p. 70). Obviamente, as etapas posteriores à educação básica sentirão a falta do domínio dos conhecimentos elementares, os quais deveriam ter sido adquiridos na escolarização anterior.

Na educação secundária, contudo, os sujeitos desenvolvem o traquejo para viver em grupo; nela aprendem a autorregulação a partir das experiências de vida em comum. É um espaço favorável para se trabalhar aspectos referentes às questões de respeito às diferenças, sejam elas de gênero, cultura, etnia, dignidade humana, justiça, responsabilidade, ética, solidariedade e democracia. E,

A socialização secundária, portanto, enquanto realizada pela instituição escolar, tem a importante tarefa de criar oportunidades para que os alunos tensionem os seus próprios valores com os valores dos demais, que relativizem seus pontos de vista em nome de argumentos razoáveis e coerentes em favor do coletivo, da convivência, da consideração de todos os implicados (Schütz; Fensterseifer; Cossetin, 2020, p. 8).

Frente a estas afirmativas, lembramos o posicionamento de Arendt (1977) ao escrever sobre a “crise na educação”, em que retrata justamente a fragilidade da autoridade e da tradição a partir de meados do século 20, que nos leva a examinar cautelosamente a questão da essência da educação. Em um trecho de sua reflexão situa brilhantemente a escola



como a “instituição que nós interpusemos entre o domínio privado da casa e o mundo, a fim de fazer a transição da família para o mundo, uma transição possível” (p. 188-189).

Este posicionamento nos conduz ao entendimento do papel fundamental da educação escolar como instância mediadora entre o público e o privado, espaço e tempo organizado para a acolhida com responsabilidade dos recém-chegados. Dito de outro modo, a autora nos impulsiona a pensar na educação escolar como espaço entre o novo e a tradição, ou seja, entre renovação e conservação e, assim, o mundo humano vai se perpetuando e se renovando.

Para Savater (2000, p. 54), “a instituição educacional aparece quando o que é preciso ensinar é um saber científico, não meramente prático e tradicional”. Com isso, corrobora Young (2007) quando afirma que “sem as escolas, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecem praticamente inalteradas durante séculos” (p. 1.288). Esse sociólogo britânico provocou um interessante debate sobre a função da escola. Segundo ele, a escola precisa capacitar os estudantes para adquirir o conhecimento que não está disponível em casa ou em qualquer outro espaço social, pois é um conhecimento que se difere dos demais por estar relacionado ao conhecimento especializado, teórico, presente nas escolas por meio da atuação de profissionais especialistas com base universitária.

Ao compreender o papel da escola e da família na formação dos sujeitos espera-se que cada uma das instituições faça com excelência sua parte. Porém, percebe-se que nem sempre isso acontece. Todavia, independentemente se as famílias fizeram ou não a sua parte, o desafio do professor é dar conta do que ocorre no espaço de sua responsabilidade, no que tange ao espaço físico da escola, tanto no que se refere à construção de saberes quanto à orientação na solução de conflitos e à orientação para a convivência harmoniosa. Há de se refletir e por vezes concordar com os argumentos de Magro e Trevisol (2014) de que a escola não pode trabalhar somente o acesso ao saber sistematizado, por ser um local de convivência a formação deve ser desenvolvida com vistas à autonomia intelectual e moral do indivíduo, e que também precisa aprender a respeitar a autonomia dos demais sujeitos com os quais convive.

As autoras supracitadas justificam que, em virtude da aceleração da vida contemporânea, das novas configurações familiares e do trabalho, tem sido dirigido à



escola um papel determinante na educação de valores e na formação moral dos sujeitos. Enfatizam ainda que a ética e os valores necessitam, com urgência, serem resgatados, não como modismo, mas como necessidade diante dos graves problemas que os indivíduos e a própria sociedade enfrentam no trato e no convívio entre si e com seu entorno. Acrescentam que

Cabe à escola não somente o acesso ao conhecimento sistematizado, historicamente construído, mas contribuir, efetivamente, no desenvolvimento de diferentes facetas dos educandos, entre elas a dimensão moral e dos valores. Para atingir esse objetivo, demanda de profissionais comprometidos e preparados (Magro; Trevisol, 2014, p. 40).

Concordamos com o posicionamento das autoras, especialmente porque a realidade tem mostrado que muitas crianças passam a maior parte do dia dentro da escola, ou seja, entram no início da manhã e saem no final da tarde, passando o dia todo no espaço público, seja por necessidade ou por opção familiar. Por outro lado, professores que estão em sala de aula há mais de 20 anos ou em tempo superior a esse, têm constatado cada vez mais a chegada de crianças às escolas com lacunas na educação primária, e aqui não estamos falando de crianças que passam o dia inteiro nas creches ou em escolas de tempo integral.

Assim, o que por muito tempo apenas se reforçava ou se ressignificava na escola agora está sendo necessário realizar desde o começo: a respeitarem os colegas e professores, a pedirem licença, a agradecerem por gestos de gentileza e, mais, o ensinar a ser gentil, a escutar os professores e colegas sem interromper o tempo todo com sua opinião, a não agredir com palavras e gestos, entre outras atitudes relativas ao trato considerado educado. É comum ver o reflexo destas demandas em cartazes espalhados pelas escolas, lembrando as horas ou dias de reflexão sobre convivência, por exemplo, com o título “palavras mágicas” e com alguns verbetes tais como: por favor, com licença, muito obrigada, seja gentil, entre outros.

Na busca por tentar entender a “renúncia” da família na educação elementar, se olharmos para a história, sem dificuldades será possível constatar que as gerações mais recentes vêm sendo atropeladas pelas exigências da sociedade capitalista. Isso ocorre pela necessidade da sobrevivência, em que adultos trabalham o dia todo, tendo pouco tempo para conviverem com seus filhos e a eles proporcionar o tempo para ensinar-lhes valores e limites. Esses adultos, por vezes, assumem papéis ou reagem de





forma involuntária atendendo aos apelos do consumismo, além de também se deixarem influenciar por aquilo que é ditado nas mídias, aspecto este sobre o qual falaremos mais adiante.

É oportuno destacar os estudos de Savater (2000) ao citar as causas sociológicas, como a incorporação da mulher no mercado de trabalho e o fato de cada vez menos haver a presença desta (ou a do idoso), que em outras épocas passava tempo significativo com as crianças e se ocupava da educação delas. De fato, observa-se a necessidade e a presença crescente da mulher em trabalhos fora de casa para contribuir na renda familiar, lutando pelo direito a uma profissão remunerada ou, ainda, assumindo as tarefas de chefe de família. Tudo isso porque o modelo familiar também se modificou expressivamente nos últimos anos e com isso a educação das crianças, na maioria das vezes, é relegada a cuidadores, a quem não se exige o ensinamento de valores básicos.

Atualmente se vê nas escolas a dificuldade de os pais serem pais ou de entenderem sua função. Tanto é que cada vez mais temos acompanhado, por exemplo, famílias entregando seus filhos aos professores com pedidos para que estes coloquem o calçado ou o agasalho porque a criança não deixou, ou, ainda, pentear o cabelo, limpar o nariz, sem contar os casos das crianças que não sentam num restaurante para se alimentar (referimo-nos àquelas que têm plenas condições de realizar tal tarefa), que correm entre os espaços das mesas o tempo todo com a justificativa de que são crianças. Há aquelas que sentam para fazer as refeições com um aparelho de celular em mãos, com os olhos fixos na tela enquanto um familiar coloca alimento em sua boca, e seguem dessa forma, entretidas com a tecnologia, produzindo um novo jeito de ser e agir.

Pretende-se, com a educação, que as crianças se tornem adultos e que não continuem sendo tutelados por uma vida toda. Savater (2000) defende a educação familiar como necessária para os infantes se tornarem adultos e não para continuarem sendo crianças, o que implica reprimir as vontades próprias tendo em vista as dos outros, e significa postergar ou atenuar a satisfação de desejos imediatos em razão de objetivos recomendáveis a longo prazo. O autor acrescenta que se a família não ajudar seus filhos a crescerem, com sua “autoridade amorosa”, as instituições públicas precisarão aplicar



“o princípio da realidade”<sup>1</sup> sem o afeto familiar e sim pela imposição, pela força. Para o autor, nessas condições só se consegue “crianças desobedientes envelhecidas, não cidadãos adultos livres” (p. 79).

Se intensificam e se mostram potencializadas fragilidades familiares na adolescência quando os filhos decidem quais locais a frequentar, a hora de dormir, o tempo que ficam nas redes sociais, a escola que desejam estudar e escolhem em quais eventos participarão junto a família. Frequentemente, quando a escola chama a família para retomar algumas posturas dos estudantes e alinhar combinados é comum ouvir “ele/a não gosta”; “ele/a não quer”; “em casa não tenho enfrentamentos, temos uma boa relação, somos amigos”; “não sei mais o que fazer”. Estes são apenas alguns dos exemplos que mostram o quanto aumentam as demandas para a escola e nos reportam a refletir sobre:

O pai que só quer figurar como “o melhor amigo do seu filho”, como um enrugado companheiro de brincadeiras, tem pouca serventia; e a mãe cuja única vaidade profissional é que a tomem como uma irmã um pouco mais velha da sua filha também não serve para muito mais. Sem dúvida, são atitudes psicologicamente compreensíveis, e, a família se torna mais informal, menos diretamente frustrante, mais simpática e falível; em compensação, a formação da consciência moral e social dos filhos não é muito favorecida. E, é claro, as instituições públicas da comunidade sofrem uma perigosa sobrecarga. Quanto menos os pais quiserem ser pais mais paternalista se exigirá que seja o Estado (Savater, 2000, p. 78).

Por todos esses aspectos mencionados é que esta instituição escolar precisa estar segura de sua função, porém, por vezes precisa também dialogar com as famílias e firmar a parceria na formação dos sujeitos. Não se trata de jogar de volta a responsabilidade, ou somente dizer qual é o papel de cada um, mas da necessidade de se refletir sobre o que cabe a cada um. Temos acompanhado que muitas famílias recorrem, frequentemente, a profissionais, sejam eles psicopedagogos, psicólogos ou até r à Supernanny<sup>2</sup>, que ensinam como dar limites e criarem certas rotinas para seus filhos.

<sup>1</sup> O Princípio da Realidade foi uma expressão usada por Savater (2000) reportando-se à repressão por desejos individuais imediatos, considerando objetivos comuns para todos.

<sup>2</sup> Os ingleses criaram o programa de televisão Supernanny, com o objetivo de ensinar limites/disciplina às crianças. Esse programa foi adaptado e ganhou espaço em outros países, como no Brasil, onde obteve sucesso e a adesão de inúmeras famílias brasileiras (citação de memória).





Há situações em que para que a escola não assuma tantas demandas na educação dos sujeitos ela mesma orienta os pais a buscarem ajuda de outros profissionais. Quando a família não está disposta ao diálogo, ou a assumir o que lhe cabe na educação dos filhos, se multiplicam as responsabilidades da escola e, nesses casos, ao tomá-las para si, é provável que não dará conta com excelência das suas funções.

Outro ponto destacado por Savater (2000) é a influência da televisão na educação das crianças, ao que aqui incluiremos as mídias em geral. Pontuamos a necessidade de se promover em sala de aula momentos de reflexão sobre as informações e/ou conteúdos variados nas diferentes redes sociais aos quais as crianças e adolescentes têm acesso, numa abordagem crítica intelectual, embora compreendamos que as famílias deveriam fazer o mesmo e anteriormente à escola, pois concordamos que

Não há nada tão subversivo educacionalmente quanto uma televisão: longe de submergir as crianças na ignorância, como acreditam os ingênuos, ela as faz aprender tudo desde o início, sem respeito aos trâmites pedagógicos... Ah, se pelo menos os pais estivessem junto delas para acompanhá-las e comentar esse impudico bombardeio de informações que tanto acelera sua instrução! No entanto, é próprio da televisão funcionar quando os pais não estão e, muitas vezes, para distrair os filhos do fato dos pais não estarem... ao passo que em outras ocasiões eles estão, mas tão mudos e enlevados diante da tela quanto as próprias crianças (Savater, 2000, p. 87).

Parar para refletir e selecionar programas ou *sites* que jovens e crianças acessam, sob nosso ponto de vista, é tarefa familiar, que faz parte da educação primária, contudo, sabemos que, na ausência do adulto, sempre que possível os infantes tentarão burlar as regras e acessar aqueles que lhes convém. Sendo assim, na contramão da proibição, há a possibilidade da reflexão. Compreendemos que o impacto da tecnologia na vida das crianças está relacionado ao tempo em frente às telas, com qual objetivo e o que se assiste. Estabelecer regras, do que assistir, o que jogar e por quanto tempo é uma questão de cuidar da vida, de prezar pela formação saudável de nossas crianças.

Sentar, assistir juntos e dialogar sobre o que se tem acesso é uma boa saída para criar consciência entre certo e errado, justo e injusto, verdadeiro e *fake news*, solidariedade e individualismo, enfim, para se chegar a um consenso sobre viver bem em sociedade respeitando o outro e a si próprio. Entendemos que a criança que cresce com base sólida familiar e escolar, vivenciando a moral e a ética, terá mais chances de se tornar um adulto ético e responsável pela vida comum. Porém, é necessário que os



adultos estejam dispostos a educar, a responsabilizar-se pelas novas gerações e não apenas a acompanhar o crescimento das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, salientamos a importância e a necessidade da educação familiar e escolar na formação de crianças e jovens, exercício primordial na constituição de seres humanos e que darão continuidade ao mundo comum. Educar as novas gerações em um mundo em constantes mudanças é uma responsabilidade desafiadora para ambas as instituições educativas. Se na escola o ensino transcende a transmissão de conhecimentos acadêmicos e é preciso que se ensinem habilidades socioemocionais, valores éticos e empatia, na família, é preciso que se trabalhe os valores morais, se ensine a tolerância, o respeito com o outro, a importância de os filhos serem responsáveis os estudos, cumprindo com as tarefas de ser estudante e que o façam com excelência.

Nos parece assertivo afirmar que se a escola e a família educarem com objetivos em comum, como o desenvolvimento social e intelectual das crianças e jovens, se multiplicam as chances de a educação pretendida ter sucesso. Se uma dessas instituições não cumprir com seu papel com responsabilidade, com certeza, haverá consequências determinantes na formação dos sujeitos. Assim, é no trabalho conjunto que acontecerá o desenvolvimento integral dos mesmos, preparando-os para assumirem papéis ativos e responsáveis na comunidade global, cujo resultado interfere no futuro de uma sociedade.

Por fim, ressaltamos a importância de um ensino que não se limite ao acadêmico, mas que inclua a formação integral dos indivíduos, preparando-os para enfrentar os desafios da vida em sociedade de maneira ética, solidária e responsável. A colaboração efetiva entre família e escola é essencial para o desenvolvimento dessas competências, garantindo um futuro mais promissor para as novas gerações e para a sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ARENDET, Hannah. **Entre o passado e o futuro**: oito exercícios de pensamento político. Nova York: Pequim, 1977/1958.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A tarefa educacional na especificidade da escola**. Ijuí: Editora Unijuí, 2020.

MAGRO, A. N.; TREVISOL, M. T. C. Escola, família e a construção de valores: um estudo a partir da ótica de pais e profissionais da educação. **Revista Leopoldianum**, ano 40, n. 110/112, p.37-49,2014.

Disponível <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/482/443>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SAVATER, Fernando. **O valor do educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Família e escola em sociedades republicanas: saudáveis dissonâncias. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e 2014687, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em 06 de jan 2022.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 08, n. 101, p. 1287-1302 set/dez. 2007.